

BIBLIOGRAFIA

Revista de Lingua Portuguesa, arquivo de estudos relativos ao idioma e literatura nacionais, dirigido por Laudelino Freire: n.º 1, Setembro de 1919.

É com a maior satisfação que a *Revista Lusitana* saúda a sua congénere de além-mar, que vem nobremente concorrer para o arroteamento do mesmo vasto campo de estudos. Na impossibilidade de, por falta de tempo, especificar os artigos, circunscrever-me-hei em falar de um ou de outro.

Nas «Intenções», ou introdução, escreve o ilustre director: «A lingua portuguesa soffre o mal originario do insulamento. Não é falada, nem conhecida é, de outros povos cultos. Emergiu num canto peninsular para ser quasi afogada no regaço materno. O acaso, porém, quiz que ella resurgisse nos labios de outra gente, que elevando-se a vinte e seis milhões de habitantes, tem o dever de *fazê-la sua*, conservá-la, etc.». Tomo a liberdade de observar que depois de *fazê-la* devia o D^{or}. Freire acrescentar *tambem* (creio ser essa a sua ideia, e não a de dizer que o Brasil quer só para si a lingua portuguesa). Dizer que a lingua portuguesa não é conhecida de outros povos cultos é exagerar, porque como o D^{or}. Freire sabe, não só lá fóra tem havido cadeiras de português (por exemplo, em Londres, em Hamburgo, em Paris), mas existem muitissimas traduções de importantes obras nacionais em quasi todas as linguas cultas da Europa; e traduções pequenas have-las-ha em todas. Ao afirmar que a lingua portuguesa foi quasi afogada no regaço materno, contradiz-se, pois logo adiante acrescenta que no Brasil a falam vinte e seis milhões de pessoas. E não a levaram os nossos navegadores para tantas partes do mundo? Não a falaram os Judeus Portugueses na Holanda, na Inglaterra, na Italia, etc.? Na minha *Dialectologie Portugaise*, Paris-Lisboa, 1901, pág. 15 ss., indiquei eu vasta geografia da lingua portuguesa. Não foi quasi afogada no berço uma lingua que serve de órgão a tão extensa e por vezes tão rica literatura como a nossa, estendida do seculo XII ao XX, e prolongada além-mar, onde tomou novos e brilhantes vãos, e onde conta poetas como Gonçalves Dias, prosadores como Ruy Barbosa. Em vez de declarar que a lingua portuguesa *resurgiu nos labios* dos Brasileiros, melhor seria dizer *continua*, porque nunca a lingua portuguesa deixou de ser usada no Bra-

sil depois que nós o descobrimos e colonizámos. Referindo-se á nação portuguesa, chama-lhe o D.^{or}. Freire *nação amiga*: amiga sim, e mais do que isso: amicissima, como mãe que estremece uma filha, posto que emancipada. A nação portuguesa honra-se de chamar filha á nação brasileira, porque esta no *contubernio internacional*, como o D.^{or}. Freire noutro lugar se exprime, mantém gloriosamente o sangue português e a lingua de Portugal, e desenvolve com brilho a civilização que de cá recebeu. Folgo de transcrever aqui, por emanarem de autor insuspeitissimo, estas palavras do D.^{or}. João Ribeiro, publicadas n-*O Imparcial* (Rio de Janeiro) de 7 de Junho de 1920: «A erudição portuguesa é-nos mais necessaria que a sua literatura de imaginação. D'aquella vivemos, e d'esta quasi prescindimos. Os Portugueses deixaram de ser os nossos modelos na poesia ou na prosa, mas são os nossos mestres da historia, da archeologia e da linguagem, em fim de todo o material das tradições. Não queremos com isso significar que tenhamos em pequena conta os seus poetas ou romancistas contemporaneos; mas o influxo das literaturas é já agora directo e immediato, sem escalas».

Entre outros artigos contém o n.^o 1 os seguintes: *O poeta Fagundes Varella*, de R. Galvão; *Cronica gramatical*, de Mario Barreto; *Academia Brasileira*, de Alberto Faria; *Formas concorrentes*, de Laudelino Freire; *Nomes de terras e de povos*, de João Ribeiro; *Gallicismo*, de Laudelino Freire; *Ruy Barbosa* (biografia e bibliografia), de Laudelino Freire.

No artigo *Formas concorrentes*, em que estabelece que *le-vá-lo* e *le-val-o* são fórmias auctorizadas, e que a última não póde condenar-se, dá-me o D.^{or}. Freire a honra de me citar, e de pedir o meu voto. Este voto já o emiti algures, como o D.^{or}. Freire amavelmente declara; e nada tenho de acrescentar senão que quem primeiro assentou a doutrina de que, por causa da pronúncia, deve escrever-se *levá-lo* (que gramaticalmente se silaba *le-vá-lo*, e não *le-val-o*) ¹, foi o meu chorado e venerando Mestre o S.^{or} Epiphânio Dias na *Grammatica Portuguesa elementar*, § 58, nota, e logo na 1.^a edição (1876). Observa além d'isso o sabio gramatico português que tambem escrevemos *lavamo-nos* (e não *lavamon-os*), facto perfeitamente paralelo.

J. L. DE V.

¹ Digo gramaticalmente, porque em regra pronuncia-se, pelo menos, em muitas partes *le-val-lo*; mas isso acontece com todas as palavras que têm -l intervocalico (desenvolve-se em dois: um guturalizado, o primeiro, o outro puro).